

Reflexões, Facetas da Leitura e Formação de Alunos Leitores em Escolas Públicas
Reflections, Aspects of Reading and Training of Student Readers in Public Schools

Edsom Rogério Silva¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins

José Pereira dos Santos Filho²

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Carlos Roberto Ludwig³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Em um mundo cada vez mais globalizado, no qual a informação é disponibilizada em frações de segundo para todas as partes do globo terrestre, o domínio da leitura e, conseqüentemente da compreensão eficaz daquilo que se lê, tem sido cada vez mais cobrados por parte da sociedade. Contudo, apesar da grande importância atribuída à leitura, o que se percebe é que muito ainda precisa ser feito para a formação de alunos leitores, principalmente no contexto das escolas públicas brasileiras. Nesse artigo, especificamente, investigaremos como tem se dado as práticas voltadas para a formação e desenvolvimento crítico de alunos de uma escola pública municipal rural da cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins. Como forma de coleta de dados será realizada uma visita técnica a essa escola com a finalidade de se conhecer o contexto no qual têm ocorrido as práticas para a formação do aluno leitor. O que se objetiva é investigar de que forma o poder público e a equipe escolar têm se posicionado frente a esse grande e importante desafio: a formação efetiva de alunos leitores. Para tal, tentaremos identificar os entraves, desafios e também elementos facilitadores para as práticas de leitura no ambiente escolar e conseqüente formação crítica e cidadã dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Palavras-chave: Leitura; Escola Pública; Formação de Leitor.

Abstract: In an increasingly globalized world, in which information is made available in seconds to all parts of the globe, the mastery of reading and, consequently, the effective understanding of what is read, has been increasingly demanded by part of society. However, despite the great importance attributed to reading, what is perceived is that much still needs to be done for the formation of reading students, especially in the context of Brazilian public schools. In this article, specifically, we will investigate how the practices aimed at the training

¹ Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Mestre em Letras: Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Cidadania e Cultura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: professoredsom@gmail.com.

² Doutorando em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Tocantins – (UFT). Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: josefilhooi@hotmail.com.

³ Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Letras- Português, Inglês e Literaturas e Letras - Português, Francês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

and critical development of students in a rural municipal public school in the city of Palmas, capital of the State of Tocantins, have taken place. As a way of collecting data, a technical visit to this school will be carried out in order to know the context in which the practices for the formation of the reader student have taken place. The objective is to investigate how the government and the school team have positioned themselves in the face of this great and important challenge: the effective formation of student readers. To this end, we will try to identify the obstacles, challenges and also facilitating elements for reading practices in the school environment and consequent critical and citizen training of the subjects involved in this process.

Key-words: Reading; Public school; Reader Training.

Submetido em 20 de agosto de 2022.

Aprovado em 29 de setembro de 2022.

Introdução

A leitura apresenta-se como um dos principais e mais eficazes instrumentos de ensino e interação, compartilhamento de saberes e experiências. Porém, fazer com que o estudante de escola pública, na maioria das vezes proveniente de família com pouco acesso à escolarização, perceba isso e enxergue o ato de ler como facilitador da aprendizagem e enriquecimento do conhecimento de mundo não é tarefa fácil. Nesse sentido, Paulo Freire (1988), afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Contudo, é fato que a leitura muito pode contribuir para melhor compreensão e para uma visão mais crítica em relação ao universo do qual se faz parte.

Desse modo, dada a importância social do ato de ler, o presente artigo pretende demonstrar como a leitura tem sido trabalhada e incentivada nas escolas públicas no Município de Palmas - Tocantins, investigando contextos nos quais ocorrem as práticas de leitura, bem como de que forma o poder público tem se posicionado frente a essa atividade tão essencial para a formação do senso crítico do leitor. Assim, o objetivo central do presente trabalho é investigar de que forma a escola pública tem se posicionado frente a essa importante tarefa: a formação de alunos leitores.

Para a efetivação dos objetivos aqui propostos, serão analisados documentos norteadores para a efetivação do currículo das escolas brasileiras, mais especificamente no que diz respeito às práticas de leitura. Também será analisado o Projeto Político Pedagógico de uma escola municipal de Palmas, bem como os livros de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental dessa mesma escola escolhida, investigando de que maneira a leitura é explorada e estimulada dentro e fora do ambiente escolar.

De forma mais específica, o que se pretende investigar é de que maneira a leitura é abordada dentro da rede municipal de Palmas, capital do Estado do Tocantins, e se tal abordagem tem se dado de forma satisfatória. Assim, é possível identificar elementos facilitadores e também os entraves para que a leitura seja abordada como prática essencial para a formação do aluno, tarefa tão necessária para os enfrentamentos e exigências do momento atual, popularmente intitulado era da informação.

1. Teorias e Ponderações da Leitura

Quando tratamos sobre leitura, podemos referenciar as abordagens de leitura, as quais tiveram como referência a concepção de linguagem da época. As três principais são: a abordagem decodificada, que entende a linguagem como espelho do raciocínio, ou seja, com o pensamento já vem a verbalização, é como se fosse um ato involuntário, onde o indivíduo age como reproduzidor do conteúdo escrito ou impresso. Sobre essa abordagem podemos dizer que “os aprendizes aplicavam regras prescritivas e realizavam atividades como leitura e tradução de textos literários, memorização de vocabulário e ditado” (FRANCO, 2011). A abordagem psicolinguística, traz como enfoque a perspectiva do leitor, onde o mesmo faz a atribuição de sentidos ao que é lido, considera-se o conhecimento prévio do mesmo, essa abordagem “possibilita que cada um tenha uma percepção diferente, uma vez que o leitor carrega conhecimento prévio de mundo para o texto” (FRANCO, 2011). Por último, referenciamos a abordagem interacional ou conciliadora, que combina os pontos fortes das abordagens anteriores. Nesta abordagem, o leitor constrói significados por meio das informações de diversas fontes. Segundo Franco (2011), o “significado não se encontra nem nos textos nem no leitor, mas é construído por meio das interações entre ambos”. Nessa abordagem, a leitura é vista como um processo social, que através de projetos de leitura aplicados nas escolas podemos incentivar a competência sociocultural e intercultural dos leitores. Pensar sobre leitura e formação de leitores vai muito além do simples processo de decodificação de signos linguísticos em significado. A leitura está diretamente relacionada ao empoderamento pessoal, uma vez que pode proporcionar a ampliação de horizontes em todas as direções almejadas pelo leitor. Sendo assim, é necessário que as atividades para formação de leitores levem em consideração a capacidade libertadora à qual está relacionado o ato de ler. Nesse sentido, Regina Zilberman (2009) afirma:

Assim, a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura. Para evitar esse resultado, cabe entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária. (2009, p.30)

Regina Zilberman (2009) elucida muito bem, em sua discussão, o papel da escola no processo de formação de leitores. Se, de um lado, um trabalho bem feito, desenvolvendo no aluno a percepção da leitura enquanto possibilidade de construção de novas e melhores realidades poderá formar leitores efetivos e com a criticidade necessária para a transformação social, por outro, um trabalho mal realizado poderá afastar o aluno da leitura, causando bloqueios e insatisfações que poderão acompanhá-lo por sua vida toda, privando-o, muitas vezes da capacidade de interferir ativamente no meio social no qual está inserido. Por isso, é tão importante que o processo de ensino de leitura seja constantemente repensado e revisitado, afim de que as práticas em sala de aulas sejam aprimoradas e os resultados possam ser a cada dia mais promissores.

Saussure (1975, p. 17) afirma que a língua é um “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Em outras palavras, a língua é dotada de estruturas sintáticas, morfológicas, fonéticas e sociais de uma determinada comunidade. Por meio da língua, toda a cultura de um povo é representada. Desse modo, ensinar leitura é abrir portas para o conhecimento de novos costumes, novos valores e novas formas de se posicionar diante da realidade que nos cerca. Nesse sentido, um posicionamento mais crítico e politizado por parte de professores e materiais didáticos muito pode contribuir nesse processo de interação, visto que essa é uma grande oportunidade para que valores e identidade possam ser efetivamente trabalhados.

A Base Nacional Comum (BNCC) classifica a leitura como um dos “eixos organizadores” na área da Língua Portuguesa no ensino fundamental, destacando-a como tema central de tal área. O eixo Leitura, na perspectiva da BNCC, propõe o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação da leitura, interpretação de textos verbais e ainda identificação de gêneros textuais.⁴ Tais capacidades são

⁴ Além das questões interpretativas, é possível se trabalhar questões de análise linguística, tais como pronúncia, léxico, morfologia e sintaxe. Confira estudos como Souza *et. al.* (2020), sobre a pronúncia; questões de variação linguística como Siqueira (2020); e mesmo questões de saberes linguísticos cotidianos e suas relações entre cultura, identidade e alteridade (FERREIRA, 2020).

compreendidas como competências específicas da Língua Portuguesa no ensino fundamental e para que possam ser desenvolvidas, se faz necessário um contexto favorável, no qual o estudante seja encorajado a transpor os limites da decodificação de símbolos linguísticos, de maneira que a leitura de fato tenha significância e aflore o senso crítico do leitor, assim:

É preciso encorajar as abordagens sensíveis das obras, atentar para a recepção dos alunos ou daquilo que eles aceitarão manifestar de sua experiência estética. A dimensão social da leitura escolar pode ser um entrave à palavra dos alunos que são bem conscientes de que se revelam ao falar de suas leituras. A questão ética que se coloca, portanto, encontra em parte sua resposta no fato de que o “eu” que reage às proposições ficcionais da obra é um “eu fictício”, um dos eus possíveis criados pela situação. (ROUXEL, 2012, p. 10).

Conforme afirma Rouxel (2012), assegurar um ambiente propício para que o estudante se sinta encorajado a interagir com o texto, atribuindo-lhe significados a partir de sua interpretação pessoal fará com que ele se perceba enquanto sujeito no processo de leitura, tornando tal atividade mais prazerosa e significativa. Contudo, é necessário lembrar que o professor será sempre mediador desse processo. O aluno leitor, por ainda estar desenvolvendo seu senso crítico, precisa desse direcionamento propiciado pela atuação do professor conforme aponta Rouxel (2012):

A leitura literária analítica nutre-se, portanto, do plural das experiências e se elabora na intersubjetividade, sem exigir o abandono total das intuições singulares. A abertura do consenso ao plural das interpretações deverá atenuar a violência simbólica manifestada até aqui e autorizar a afirmação do sujeito leitor no sujeito escolar. (ROUXEL 2012, p. 10)

Contribuir para que o estudante desenvolva o gosto pela leitura e amadureça seu senso crítico em relação ao que lê deve ser um dos principais objetivos das práticas de leitura no ambiente escolar. Contudo, frente ao cenário no qual se inserem as escolas públicas brasileiras, tal tarefa nem sempre é possível. Nessa perspectiva:

A primeira medida a ser tomada pelo professor é, portanto, colocar os livros ao alcance dos alunos em sala de aula. A proximidade entre o leitor e o texto, na forma de livro, motiva o interesse e induz a leitura, mesmo no caso de pessoas que ainda não foram alfabetizadas. (ZILBERMAN 2010, p. 149).

Aqui encontramos um dos mais intrincados obstáculos à formação do estudante leitor: as bibliotecas das escolas públicas brasileiras, pois em sua maioria, quando

existem, geralmente são sucateadas e com poucos títulos, ficando o professor desamparado em uma de suas práticas pedagógicas de maior importância.

Ainda nesse sentido:

Um país requer bibliotecas que possam ir mais além desse plano mínimo de trabalho. Bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em meios contra a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas. (CASTRILLÓN 2011, p. 36).

De fato, para que se tenha alunos leitores, inicialmente é necessário que existam livros disponíveis, visto que grande parte dos alunos matriculados em escolas públicas é oriunda de famílias com condição financeira pouco favorecida, o que dificulta o investimento em livros.

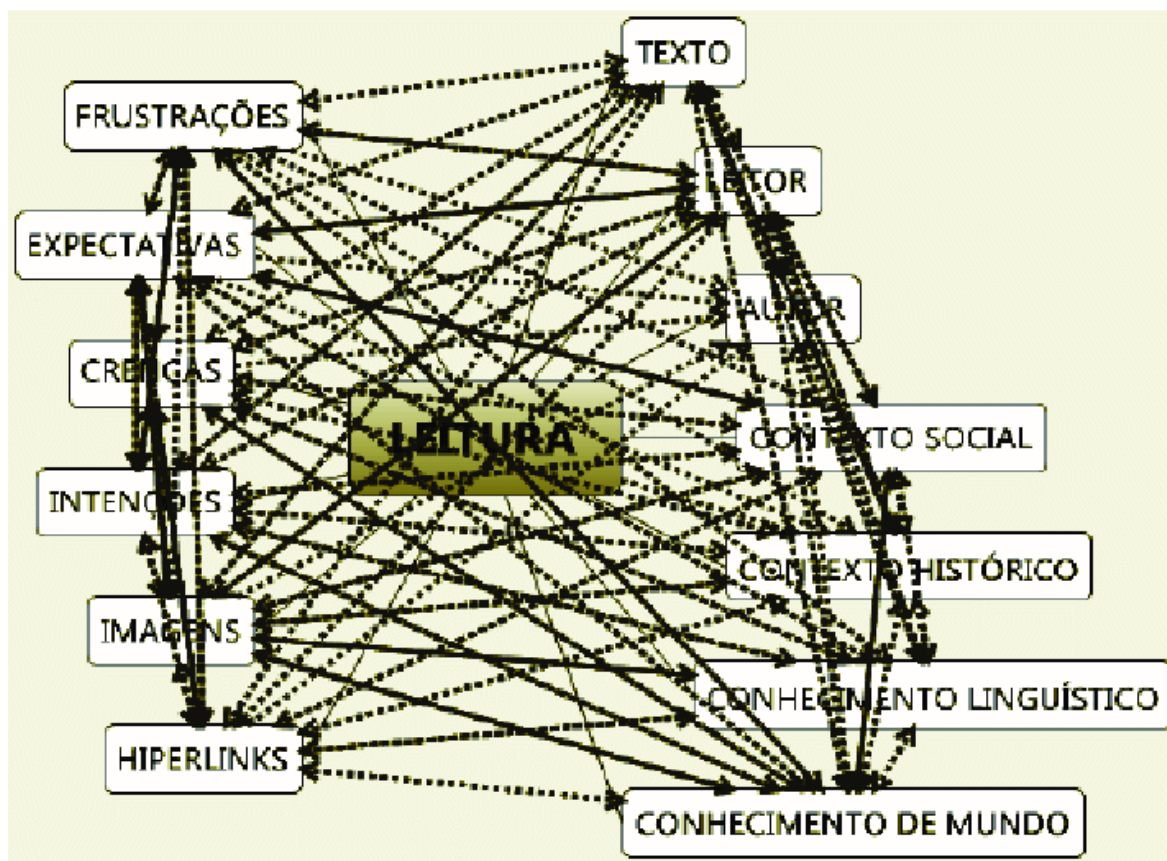
Mesmo diante de tantas limitações e obstáculos é preciso salientar a importância do trabalho realizado pela escola no sentido de conscientizar seus alunos e a comunidade escolar em relação à relevância da leitura para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus papéis na sociedade. Como elucidada Castrillón, a leitura tem ampliada sua função social, conforme se observa a seguir:

Os projetos de leitura precisam [...] demonstrar que a leitura não é um adorno nem um passatempo e que seu valor não está em oferecer apenas alguns momentos prazerosos, mas sim que a leitura é um instrumento extremamente útil na transformação e organização de suas vidas. (CASTRILLÓN, 2011, p. 64)

É claro que a função fictícia da leitura por fruição também não pode ser desconsiderada. O que deve ficar claro é que a leitura não pode ter sua função reduzida a apenas uma concepção. É justamente nesse ponto que a função do professor enquanto mediador do processo de desenvolvimento crítico do aluno tem maior importância. O olhar atento do professor aliado às condições adequadas para às práticas de leitura muito contribuirão para a formação de leitores efetivos, e, conseqüentemente para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos, informados e socialmente engajados. Larsen- Freeman (1997) afirma que “os sistemas complexos de leitura têm algumas características em comum. São elas: dinamicidade, não linearidade, caos, imprevisibilidade, sensibilidade às condições, abertura, auto-organização, sensibilidade

ao ‘feedback’ e adaptabilidade”. Apresentamos o fluxo da informação em um sistema de leitura, como podemos observa na imagem a seguir:

Figura 1: Fluxo de informação multidimensional em um sistema de leitura.



Percebemos que as interações do leitor com o texto são infinitas, pois é impossível prever devido as experiências e conhecimento de mundo que o mesmo detém e pelo fluxo de informações que é multidimensional, o leitor participa ativamente de interações que além daquela com texto, é algo que está além do comum, extra-textual.

2. Da Leitura da Palavra à Leitura de Mundo

Reafirma-se, aqui, mais uma vez, a necessidade de um repensar crítico em relação aos objetivos propostos para as aulas de leitura. É muito importante avaliar de que maneira a escola pública tem contribuído para que a aprendizagem e a prática da leitura sejam significativas e, conseqüentemente eficazes. “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar

o conteúdo programático da educação”. (FREIRE, p. 16, 1987). Como bem coloca Freire, tão importante quanto ensinar a ler, é fazer com que o aluno saiba utilizar a leitura para o seu crescimento, para a construção e reconstrução de sua própria realidade e, acima de tudo, para a transformação social.

Tão importante quanto o desenvolvimento de competências e habilidades, função básica da escola, o despertar no estudante uma nova forma de aprender com a experiência vivida, ou seja, fazer com que o aluno compreenda que ele precisa ser sujeito agente em sua própria realidade. Ainda nesse sentido, Freire afirma:

Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). Porque quando o homem compreende sua realidade pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (FREIRE, 1979, p.16).

Conhecer e compreender outras realidades além da sua para a partir daí formar uma consciência reflexiva e transformadora. É isso o que se espera de um aluno leitor e essa é uma das mais importantes tarefas da escola. Assim como afirma Freire, conhecendo realidades diversas o educando poderá criar hipóteses sobre sua vida e seu meio social, com o intuito de identificar o que não o agrada, por conseguinte, com uma visão mais crítica, poderá trilhar caminhos promissores no sentido de contribuir para as mudanças pessoais e sociais que identificar necessárias.

A importância do trabalho do professor jamais poderá ser questionada e é relevante que a escola trabalhe sempre com a formação crítica do educando. O ambiente escolar deve ser compreendido para muito além da mera transmissão de conhecimentos. É indispensável que o estudante tenha acesso ao conhecimento, e esse é, de fato, papel da escola. Contudo, é de grande valia que ele seja preparado para usar esse conhecimento a seu favor, transformando sua própria realidade e também o meio no qual esteja inserido. Isso é o que se chama formação crítica. Conforme Zilberman, “a escola é o lugar onde se aprende a ler e a escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler”. (ZILBERMAN, p. 9, 2010). Assim, o aluno deve ter contato com literatura infanto-juvenil no ensino fundamental e, no ensino médio, deve ter contato com obras da literatura brasileira e estrangeira. Desse modo, o aluno tem possibilidade de ter contato com diversas perspectivas de leitura de diferentes obras literárias. Passa a

poder ler textos literários que englobam questões de literatura e outras formas de conhecimento.⁵ Dessa forma, a literatura passa a ter um papel de humanização, a partir das práticas de letramento literário no ensino de leitura e literatura (PRADO, 2022).

A escola deve ampliar a visão de mundo de seus educandos afim de que os mesmos possam perceber e corrigir falhas e injustiças, criando novas possibilidades e consequentemente, desenvolvendo um mundo melhor. “Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, p. 17, 1988). Na visão de Freire, os homens se educam mutuamente mediatizados pelo mundo. Aqui, afirma-se que os educandos podem educar a si mesmos, mas mediatizados pela escola. Daí a importância do trabalho do professor no sentido de possibilitar ao aluno conhecimento em relação as suas próprias capacidades e ao seu poder transformador. A leitura pode ser uma grande aliada nessa empreitada uma vez que, por meio da leitura um universo de novas possibilidades se descortina frente ao leitor.

Ainda na perspectiva de Paulo Freire, “a leitura de mundo é sempre precedida da leitura da palavra”, contudo, ousou aqui dizer que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é também aprender a ler o mundo. A leitura nos permite compreender o outro a partir de diferentes perspectivas e por isso é tão importante. Porém, para que de fato essa leitura seja libertadora, se faz necessário que seja muito mais que mera decodificação de códigos linguísticos. “Os textos na sua singularidade, requerem atitudes diferentes e exclusivas por parte do leitor” Paulino (2001, p. 6). É preciso que o aluno saiba ler nas entrelinhas, que esteja pronto para compreender a linguagem figurada e complexa que nos é apresentada a todo momento. Segundo Paulino (2001), “nenhuma metodologia pode ter caráter coletivo ou globalizante; o máximo que se tem que fazer é deixar que aquela individualidade se apresente e se desvele, impondo-se de forma a que cada um seja capaz de entendê-la e interpretá-la.” (PAULINO, p. 6-7, 2001). Essa é a verdadeira leitura de mundo tão necessária para a formação crítica, política e cidadã.

O ato de ler se efetiva com conhecimentos obtidos durante toda a vida, são eles que possibilitam a amplitude da chamada leitura de mundo, que nada mais é do que as experiências vividas do decorrer do tempo, experiências essas calcadas em bases diversas de diferentes modos de leitura. “[...] para que se efetive a compreensão

⁵ Por exemplo, as relações entre literatura e sociedade, na pesquisa de Landri e Gomes (2022); literatura e decolonialidade (MORAIS; ALVES, 2021); literatura e psicanálise (LUDWIG, 2020), dentre outras abordagens de análise.

satisfatória de um texto, urge reconhecer a diversidade de tipos de expressão existentes [...] os textos, na sua singularidade, requerem atitudes diferentes e exclusivas por parte do leitor”. (PAULINO, 2001, p. 6). Essas atitudes são peculiares, assim como o contato de cada indivíduo com determinados tipos de textos.

3. Formação do Aluno Leitor na Escola Pública: Desafios

De acordo com documentos oficiais norteadores para as práticas educacionais nacionais, do Estado do Tocantins e também do Município de Palmas, não existe, na estruturação curricular das escolas da rede pública, uma organização de forma a se destinar um tempo específico para as aulas de leitura, o que fica a cargo dos professores de Língua Portuguesa decidir quando e de que maneira tal prática deve ocorrer.

A Base Nacional Comum (BNCC), documento base para as práticas educacionais no território brasileiro, traz o seguinte direcionamento para a prática de leitura em sala de aula:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BNCC 2017, p. 71)

O que se percebe é que, no que diz respeito às práticas de leitura, os documentos oficiais parecem estar mais voltados para a interpretação de textos dentro das aulas de Língua Portuguesa. Neste artigo, não se pretende discutir a relevância da leitura e interpretação para as aulas de língua portuguesa. Contudo, o que se observa é que apenas o espaço oportunizado por professores das áreas de linguagem não é suficiente para a efetiva formação leitora. A escola precisa oportunizar esses momentos de forma a se extrapolar o universo do livro didático visto que os alunos, em geral não apresentam muito interesse pelo ato de ler, isto por fatores diversos que vão desde a incredulidade em relação à relevância de tal prática para as suas vidas, até a falta de incentivo por parte dos familiares que, muitas vezes, se quer são alfabetizados. Diante dessa realidade,

o tempo em sala de aula é mais do que precioso e precisa ser aproveitado da melhor maneira possível, dado o papel fundamental exercido pela prática da leitura na formação do cidadão crítico e socialmente engajado.

Em relação ao contexto no qual se dá as aulas de leitura, tomamos como base uma das escolas municipais de Palmas que oferta educação na zona rural. Tal escolha baseia-se no fato de que os alunos do campo têm menos acesso a recursos tecnológicos, bibliotecas, livrarias e internet. Por esses fatores, espera-se que a escola tente suprir tais necessidades no sentido de que ainda assim seja possível a formação de alunos leitores. Após a escolha da escola, foi realizada uma visita investigativa.

A unidade escolar escolhida localiza-se, aproximadamente, a 30 quilômetros da capital e oferta aulas da educação infantil ao nono ano do ensino fundamental. As aulas são em período integral, ocorrendo de segunda à quinta-feira, sendo que às sextas-feiras os alunos realizam atividade extraclasse. A escola oferta boas condições de ensino, contando com uma boa estrutura física, salas equipadas e climatizadas, alimentação de qualidade e professores com formação na área em que atuam, em sua maioria, especialistas e mestres. Os alunos recebem livros didáticos, uniformes a transporte gratuito. Além das aulas do currículo comum, existem também disciplinas da parte diversificada, tais como: práticas esportivas, música, práticas agroecológicas e espanhol.

Como exposto até aqui, percebemos que o município de Palmas procura ofertar educação de qualidade para o seu alunado, contudo, o que nos chamou a atenção foi o fato de que a escola não possui biblioteca. Os livros que por sinal não são muitos, ficam guardados em armários trancados ou em uma estante na sala dos professores, local esse no qual não é permitida a permanência de alunos.

Em relação ao currículo seguido pela escola visitada, fomos informados de que é o mesmo seguido por toda a rede municipal de ensino. Ao analisarmos os documentos norteadores percebemos que não existe um direcionamento específico para as práticas de leitura, ficando a cargo dos professores decidirem de que maneira essa atividade deve ocorrer. Analisamos também o Projeto Político Pedagógico da escola e identificamos que existem poucas ações voltadas para a formação do aluno leitor, sendo elas um projeto voltado para o dia do livro infantil e outro realizado pelo professor de Língua Portuguesa, no qual os alunos recebem um livro por bimestre para lerem e depois apresentarem aos colegas em forma de seminário.

Em conversa informal com a coordenação da referida escola fomos informados de que o maior problema enfrentado pela unidade escolar para o desenvolvimento de atividades voltadas para o desenvolvimento de alunos leitores e a falta de um espaço físico apropriado para a leitura. Ainda segundo a coordenação, alguns projetos para empréstimo de livros de literatura infanto-juvenil são realizados pela unidade escolar, mas a quantidade de livros não é suficiente e grande parte dos alunos não recebe incentivo em casa e por isso, demonstram pouco interesse pelo ato de ler.

Já em conversa com os professores de Língua Portuguesa, fomos informados de que muitos são os entraves para a realização de atividades voltadas para a formação de leitores na escola. Os principais são a falta de uma biblioteca adequada e de livros de qualidade e em quantidade suficiente. De acordo com os professores participantes da conversa, os poucos livros que a escola possui são enviados pelo MEC e os professores não participam de forma efetiva do processo de escolha. Em função disso, muitas vezes a escola recebe livros inadequados para a faixa-etária dos alunos ou até mesmo exemplares com títulos pouco atraentes. Além de todos esses entraves, existe também a problemática relacionada ao fato de que a maioria dos alunos é proveniente de famílias com pouco ou nenhum hábito de leitura, em alguns casos até analfabetos.

Segundo Kleiman (2011) “a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios, ou seja, é mediante a interação com diversos níveis de conhecimento que o leitor consegue construir o sentido do texto”. Nesse sentido a leitura pode contribuir de forma muito positiva em todas as nuances da formação escolar uma vez que o que se ensina passa a fazer sentido para o aluno. Nesse contexto segundo Zilberman: “a leitura deve ser estimulada pela sociedade, e para esta tornar-se melhor, o que pode acontecer se a conhecermos mais profundamente”. (ZILBERMAN, 2010, p. 10). O conhecimento deixa de ser apenas transmitido e passa a ser propiciado, possibilitando que o leitor seja sujeito agente na construção de saberes. Em outras palavras, por meio da leitura o aluno deixa de ser mero receptor e passa a ser responsável por seu desenvolvimento e formação intelectual. É claro que para que esse processo seja de fato eficaz se faz necessário que o professor esteja presente durante essa caminhada, contribuindo e dando o devido apoio no processo de formação crítica por meio da leitura.

Diante de tantos entraves e percalços, os professores sentem-se um tanto quanto desamparados por parte do poder público em relação a essa tão importante missão:

formar alunos leitores. Mesmo assim, existe um esforço muito grande para que esse objetivo seja alcançado. Coordenação e professores desenvolvem campanhas para arrecadação de livros; gincanas de leitura são criadas com premiação para o aluno que consegue ler o maior número de livros ao longo do ano; espaços de leitura alternativos são criados; os professores emprestam livros para que os alunos levem para suas casas e leiam ao longo dos bimestres; é incentivada a troca de títulos entre os próprios alunos para que eles tenham acesso a uma maior variedade de livros. Segundo Zilberman (2010),

É na condição de país em processo de desenvolvimento que o Brasil patrocina programas de acesso ao livro, pretendendo dotar os leitores de obras que falem de seu mundo e na sua linguagem, agindo, concomitantemente, no sentido de suplantando uma situação de anacronismo cultural. (ZILBERMAN, 2010, p. 15).

O que se percebe é que a equipe escolar da unidade pesquisa é muito envolvida com as práticas relacionadas à formação de alunos leitores, porém ainda há muito a ser feito por parte do poder público. Um longo caminho precisa ser percorrido para que as práticas de incentivo à leitura possam ser efetivadas nas escolas públicas do município de Palmas de forma realmente eficaz.

Uma equipe comprometida e engajada muito pode fazer para a formação de seu alunado, contudo ela pode fazer muito mais quando conta com os elementos básicos para as práticas de leitura. Bibliotecas bem equipadas, bons livros, tempo previsto no currículo escolar para práticas de leitura, maior participação dos professores na escolha dos títulos adotados nas unidades escolares muito contribuiria nesse sentido.

Considerações Finais

Frente a questões políticas, econômicas ou culturais, a leitura é hoje um dos principais mecanismos para a apropriação de conhecimento e formação intelectual de quem se tem conhecimento. Ensinar leitura é possibilitar ao aluno uma visão de mundo mais ampla. Porém, para que a aprendizagem seja de fato efetiva, os envolvidos no processo pedagógico devem perceber o uso da mesma em situações significativas e relevantes. Ler vai muito além de simplesmente memorizar estruturas gramaticais e vocábulos. Por meio da leitura se torna possível conhecer novas culturas, formas de pensar e de agir, e, acima de tudo, portas se abrem para que um novo universo se apresente. Partindo dessa afirmativa, propiciar ao aluno contato com diferentes

possibilidades de leitura fará com que o aprendizado se torne mais significativo e motivador, uma vez que ele passa a enxergar essa possibilidade como forma de interação universal e manifestação da vida em suas mais variadas nuances.

Muito ainda precisa ser feito no sentido de se valorizar e incentivar a formação de alunos leitores na escola pública. O que se percebe é que professores de língua portuguesa acabam ficando sozinhos frente a essa empreitada tão importante que é a formação de alunos leitores e com capacidade crítica para, por meio da leitura, compreenderem o universo do qual fazem parte, podendo, a partir daí agirem como sujeitos de transformação em busca de uma sociedade mais justa e cidadã.

O que se espera é que as reflexões aqui provocadas possam contribuir para a melhoria da atuação docente e também para o repensar das políticas públicas voltadas para a formação efetiva de alunos leitores na escola pública, uma vez que a forma como professores abordam e ensinam leitura de obras literárias da literatura infanto-juvenil ou de textos diversos, pode se configurar uma porta atraente para o aprendizado da cultura de diferentes povos, intensificando a sensibilidade humana, uma vez que possibilita uma melhor compreensão de mundo e conseqüentemente uma atuação social mais politicamente engajada e consciente.

A proposta que a leitura se torne algo natural e cotidiano por parte dos estudantes e de toda sociedade é algo que precisa ser construído com estímulos de diversas partes, ao assumir uma concepção de leitura segundo a qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para a vida como um todo, para que dessa forma surja em cada indivíduo um posicionamento correto e consciente perante sua vida, sua realidade e seus mundos. Cabe a nós enquanto educadores, principalmente professores de língua materna despertar e incentivar o gosto e interesse pela leitura, seja ela qual for.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Brasília, 2017.

CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

FERREIRA, A. C. F. Saberes linguísticos cotidianos. *Porto das Letras*, v. 6, n. 5, p. 324–351, 2020.

FRANCO, Claudio de Paiva. *Por uma abordagem complexa de leitura*. In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). *Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011, p. 26-48.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Janeiro: Campus, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

LANDRI, E. L. M.; GOMES, A. E. do C. Da Infelicidade à Infidelidade: O Adultério Feminino em *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. *Porto das Letras*, v. 8, n. Especial, p. 80–98, 2022. DOI: 10.20873-ne-elml-aecg.

LUDWIG, C. R. Judgment, Conscience and Shylock's Bond. *Porto das Letras*, v. 6, n. 2, p. 296–325, 2020.

MORAES, M. G. B.; ALVES, H. R. A. A literatura do colonizado: teoria e crítica pós-colonialistas na leitura de a terra dos mil povos: história indígena do brasil contada por um índio. *Porto das Letras*, v. 7, n. Especial, p. 7–19, 2021.

PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. *Tipos de Textos, Modos de Leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PRADO, M. C. A. do. Leitura e humanização: o letramento literário e a abordagem crítica do texto literário. *Porto das Letras*, v. 8, n. Especial, p. 166–184, 2022. DOI: 10.20873-ne-cap.

ROUXEL, Annie. *Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?* Cadernos de Pesquisa. Volume 42, nº 147, jan/abr 2012, p. 272-283. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>

SANTOS, Fabiano dos; Neto, José Castilho Marques & Tania M. K. Rosing. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SIQUEIRA, M. Efeitos do contato entre normas na variação linguística: A presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 8–33, 2020.

SOUZA, V. R. A.; SILVA, V. L. S.; ARAUJO JÚNIOR, M. M. de. Da fala à leitura: variação linguística na leitura em voz alta de estudantes da Universidade Federal de Sergipe. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 167–199, 2020.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. *Leitura e escola: velha crise, novas alternativas*. 1. ed. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da leitura*. Curitiba: Ibplex, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibplex, 2010.